

AU BORD'ELLE

JANER CRISTALDO

"Podemos confrontar nossa perspectiva de forasteiros com a dos nativos e semear assim um inquietante mal-estar mental que com frequência resulta positivo para ambos."

Leszek Kolakowski

Paris, pentimento. A pátina dos séculos parece ter escondido esta cidade sob centenas de pentimentos superpostos, de modo a fazê-la entregar-se indistintamente a todos que a buscam, mas exibindo a cada um uma face diferente. Se é verdade que todos os caminhos levam a Roma, não menos verdadeiro é que todos passam por Paris. Carlos Fuentes dizia: América Latina capital Paris. Não deixa de ter razão. Como tampouco podemos negar razão ao argelino ou tunisiano que diz: Maghreb capital Paris. Há qualquer coisa de misterioso nesta cidade que investigador algum consegue explicar, a ela acorrem intelectuais do mundo todo, que deixam em seus países uma situação geralmente confortável, para viver aqui em condições inferiores às de uma favela. Não estou exagerando. Quem um dia lá viveu como estudante ou exilado, e com pouco dinheiro, sabe muito bem que um quarto de vinte metros quadrados é luxo ao alcance de poucos. Não creio estar dizendo bobagem se afirmo que Paris é a capital

onde um maior número de pessoas vive nas piores condições possíveis na Europa. O problema decorre de sua própria geografia. A cidade é muito pequena - em menos de meia hora de metrô a atravessamos de um lado a outro - e atrai gente demais. Paris é hoje uma capital onde não existe sequer um metro quadrado onde construir, a menos que se derrube o já construído.

Mas que Paris buscam os que buscam Paris? Confesso não ser o viajante mais adequado para responder esta pergunta, embora em Paris tenha vivido quatro anos e sempre a visite quando na Europa. Mas meu mito era outro e situava-se mais ao Norte. Sei lá por que estranhas razões, Paris pouco me dizia, o paraíso me parecia estar no reino dos Sveas. Em verdade, o mito era algo bastante genérico, poderia ser tanto Paris ou Estocolmo como Roma ou Berlim. Víamos a Europa como algo uno e homogêneo, continente onde todos os cidadãos tinham seus direitos respeitados, onde polícia não espancava estudantes nem operários, terra de asilo onde todo imigrante ou perseguido político era recebido como ser humano. Viajantes, jornalistas e escritores nos transmitiam as delícias do bem-estar europeu, professores nos embriagavam com cultura européia e das paisagens e monumentos se encarregavam as agências de turismo e institutos de língua. Juro que ouvi falar, em aulas da Alliance Française, das "eaux bleues de la Seine".

Viajei. E voltei.

Se Aristóteles acha que o homem é um animal político, permito-me acrescentar que antes de ser político é um animal cabeça-dura. Foram necessários vários meses após minha volta para aceitar intimamente que havia visto o que de fato havia visto. Pois viajantes, jornalistas e escritores não nos haviam dito que o bem-estar europeu repousa na exploração da mão-de-obra deste escravo do século XX, o imigrante. Que o desenvolvimento econômico e tecnológico do Velho Mundo depende em boa parte da venda de armas para as regiões quentes do globo. Nem que nas avançadas sociedades européias, um cão tem mais status que um negro ou um árabe.

Assim que, quando cheguei a Paris, em 1977, já não alimentava maiores mitos em relação à Europa, vacinado que fora pela experiência escandinava. Este desencanto, tentei equacioná-lo

em meu livro **Ponche Verde**, romance de exílio e de viagens, de descoberta da Europa e de redescoberta da América Latina. O final, evidentemente, não é feliz.

Cheguei no outono e não serei eu a negar o fascínio de um outono em Paris. O fato é que - observação que se impõe imediatamente a um latino em Paris - ao amarelo outonal ajuntava-se um amarelo excrementício que jamais esperávamos encontrar em uma cidade civilizada. Sei que hoje M. Chirac resolveu o problema com um serviço intensivo de limpeza pública, mas nos idos de 70 creio ter sido este o primeiro choque de todo latino-americano ao flunar pelas ruas parisienses. Mas o espetáculo nauseabundo das **crottes** nas calçadas era apenas a parte emersa do iceberg. Nesta minha estada **au bord de la Seine**, mantive contato com colegas de todas as latitudes - e este é um dos encantos insuspeitos de Paris - e tanto latino-americanos como africanos, negros ou árabes, refugiados do Leste Europeu ou persas, eram todos unânimes ao manifestar seu espanto ante aquela emética ornamentação de uma cidade tão linda.

Queiramos ou não, a imagem da França estará sempre associada, para nós, latino-americanos, aos ideais de **liberté, égalité, fraternité**. Revoltados ante a miséria e os desníveis sociais tremendos de nossos países, parece-nos tácito que nas nações desenvolvidas européias tais problemas há muito tenham sido resolvidos. Basta no entanto alguns meses de Paris para constatar-mos que a Paris em que estamos não é a que buscávamos.

Pequenos incidentes do dia-a-dia: um negro preterido na fila do correio ou da padaria; um árabe que não pode alugar um stúdio pelo fato de ser árabe; um imóvel ou mesmo um bairro que se desvaloriza por ser habitado por africanos; negros e árabes interpelados pela polícia porque têm a pele negra ou a cara de árabe; latino-americanos que, por serem negros ou terem traços levantinos, são alvo contínuo de perquirições policiais, *verbi gratia*, Garcia Márquez.

Sem falar nos **faits divers** da imprensa cotidiana: as **brimades** em bares envolvendo imigrantes; o vizinho que atira em uma criança - árabe, é claro - porque fazia ruído excessivo no pátio; o singular esporte tantas vezes praticado em fins-de-fes

ta, tipo vamos-ver-quem-abate-primeiro-um-bougnouille. **Et j'en passe.**

Descobrimos então o óbvio: a sociedade ideal não existe. É algo que devíamos saber antes de partir, mas o bicho homem é, antes de tudo, esperançoso. Mas o que mais me surpreendeu no país da liberdade, igualdade e fraternidade, não foi a condição de cidadão de segunda classe do imigrante, nem o racismo palpável de M. Dupont (não é fruto do acaso a ascensão de Le Pen), e sim algo que talvez cause pasmo a um francês: a inexistência do habeas corpus.

No final dos anos 70, Giscard d'Estaing propôs **aux citoyens et citoyennes** a instituição desta garantia fundamental da liberdade de cada indivíduo. Pasmo meu e pasmo dos franceses. De minha parte, não conseguia acreditar no que ouvia. Se Giscard propunha a instituição do habeas, evidentemente este não existia na estrutura jurídica do país. Quanto aos franceses, até os jornalistas tiveram de debruçar-se sobre enciclopédias para informar seus leitores. Como a proposta partia do poder, obviamente foi rejeitada. E a França, como nação, perdeu a oportunidade de proteger eficazmente seus cidadãos de abusos de autoridade. **Je n'ai jamais vu ça**, reagiam meus interlocutores franceses, quando eu falava do habeas. Quem viveu em Paris, sabe muito bem que quando um francês diz **je n'ai jamais vu ça**, é porque a coisa ou fato em questão não deve existir dentro dos limites do universo conhecido. Não me foi fácil convencer meus colegas de universidade que o instituto proposto por Giscard era, no Brasil, do conhecimento de qualquer profissional de calçada e muito mais usado do que preservativos.

Mas a mais dura tarefa me esperava ao voltar ao Brasil, a de convencer amigos e leitores de que na França não existia o habeas corpus. Viajando e aprendendo...

La Seine... "Au bord 'elle", descubro agora, é o mais longo capítulo de **Ponche Verde**. Pois foi **au bord'elle** que morreram os últimos mitos que nutri em relação à Europa. Não por acaso, comecei o relato no dia do enterro de Sartre, sentei meus personagens no Select e deixei-os falar. À medida que falavam, em suas palavras constatee esta sensação ambígua de todo latino-americano em Paris: "a cidade é linda, mas..." Claro que adora-

mos Paris, descobri isto quando insistia junto a um amigo gaúcho: "não gosto desta cidade". Afinal, se Baudelaire se permitia dizer "J'ai horreur de Paris", eu não me sentia exatamente um herético ao manifestar um certo desagrado. "Podes não gostar dela" - atalhou o gaúcho - "mas é a cidade à qual mais voltas, se possível todos os anos". Sem querer, eu me traíra.

Como se trai todo criador latino-americano às margens do Sena. Em "Piedra negra sobre una piedra blanca", César Vallejo anuncia sua morte:

Me moriré en París con aguacero,
un día del cual tengo ya el recuerdo.
Me moriré en París - y no me corro -
tal vez un jueves, como hoy, en otoño.

Em **Identidad cultural de Iberoamérica**, Fernando Ainsa contrapõe a este poema a maldição de Andrés Bello em "Carta escrita en Londres a Paris por un anciano a otro":

Mal haya ese París tan divertido
y todas sus famosas fruslerías
que a soledad me tienen reducido!
Mal rayo abraze, amén, sus Tullerías
y mala peste en sus teatros haga
sonar en vez de amores, letanias!

Os exemplos desta ambigüidade encontradiça tanto em latino-americanos como em estrangeiros das demais latitudes, forneceria material para uma enciclopédia, e de pouco nos serve coletar textos à exaustão. Rómulo Gallegos, em **Reinaldo solar**, tenta uma explicação do movimento que impele os buscadores de El Dorados:

" - ¿Y por qué se ván? ¿Por qué preferimos la lucha en el país extranjero y no la podemos resistir en el propio? Sencillamente, porque aquello es lo fantástico y esto es lo real. Al cabo de cuatrocientos años hacemos lo que hacían los conquistadores que desdenaban poblar y colonizar, preocupados solamente de la eterna expedición de El Dorado. El Dorado fue la ficción inventada por el indio para internar y perder al español, y la gota de sangre del indio que tenemos en las venas es lo que hace pensar hoy en la fuga a Europa que es otro el Dorado."

Em tese inexplicavelmente ainda não divulgada no Brasil, **Os conflitos de Identificação Cultural dos Estudantes Brasileiros na França**, que leva como subtítulo **A Representação Mítica da Cultura Francesa no Meio Intelectual Brasileiro**, defendida na Université de Paris IX-Dauphine, Norma Takeuti arrolou as imagens usualmente alimentadas pelos bolsistas brasileiros em Paris. **Les voilà:**

- berço da cultura ocidental
- eldorado da intelectualidade
- pólo irradiante da cultura no mundo: lá, tudo acontece antes
- pátria da liberdade
- porta-bandeira da democracia
- país dos direitos do homem
- terra da pluralidade do pensamento aberto
- terra do livre pensamento e do **laissez faire**
- terra para onde você vai e se libera de tudo.

Arrola também depoimentos dos mais significativos, como o da estudante que ao chegar em Paris foi imediatamente à Sorbonne "tomar um banho de cultura respirando o ar que emanava daquelas paredes". Melhor ainda, o de outra estudante, interrogada sobre a imagem que fazia da França:

"A França é, para mim, o país do sonho. Penso na França do passado. Eu não posso imaginar a França de hoje. Quando penso nela o que me vem ao espírito são os pintores nos cantos bucólicos, os apaixonados à beira do Sena, os bares acolhedores com sua decoração pitoresca, os restaurantes iluminados à luz de velas, as pequeninas ruas medievais...O país das maravilhas!... e eu, Alice, extasiada!"

Chega Alice no País das Maravilhas e bem outra é a realidade. Para matricular-se numa universidade precisa da **carte de séjour**, e para obter a **carte de séjour** precisa estar matriculada na universidade, juro que assisti a tais casos. Para conseguir a famosa carta, terá de fazer fila de madrugada e na neve, que bolsistas jamais chegam no verão. Mesmo pertencendo à alta classe média brasileira, irá habitar um cubículo, dando graças a Deus se nele houver vaso sanitário e uma ducha, isto em um quinto ou sexto ou sétimo andar sem elevador. A queda de status, já ao chegar, abala Alice. E o confronto posterior com o ruído-

so mundo intelectual parisiense irá achatá-la, se não for forte. Suicídios e perturbações mentais não são raros como se possa imaginar no currículo dos buscadores de paraísos, e não foi por acaso - nem foi criação minha - que pendurei em uma árvore um de meus personagens em **Ponche Verde**. A propósito, Norma Ta-keuti nos conta que, quando compilava dados para sua tese, foi procurada por um sociólogo mexicano encarregado de fazer um trabalho semelhante ao seu, pois o governo de seu país estava alarmado com as estatísticas sobre internações psiquiátricas e suicídios de estudantes que retornavam ao México.

Fato que não passou despercebido a Rubén Darío, que assim escreve em "Augusto de Armas" in **Los Raros**:

"No sabía que semejante a la reina ardiente y cruel de la historia, París da a gozar de su belleza a sus amantes y en seguida los hace arrojar en la sombra y en la muerte."

Em **Criollos en París**, o chileno Joaquín Edwards Bello faz seu personagem confessar:

"París no sirve al americano del Sur: después de algún tiempo - simples espectadores de la vida francesa - dejamos de ser americanos sin alcanzar a ser europeos. La vida parisiense es siempre un misterio para nosotros; todo nos está clausurando, aparte los sitios públicos plenamente abiertos mediante pago. Y conste: alcanzamos a conocer apenas el contorno de esa vida sin penetrar jamás en su cordial intimidad. Nuestra cursilería ha puesto de moda el eterno refrán de "¿quién estuviera en París!". Conozco señoritas de la mejor sociedad cuya vida en París consistía en pasarse las horas bostezando de añoranzas, cuando no leyendo diarios sudamericanos en el Consulado, y, sin embargo, aquí las verás refunfuñando: "Este es un país **demodé** y absurdo."

Quando Carlos Fuentes afirmava, em uma emissão de Antenne 2, que a capital da América Latina era Paris, foi imediatamente contestado por Alejo Carpentier, que opunha uma visão, a meu ver, mais lúcida. Que Paris fora a capital dos latino-americanos, mas que hoje existiam outras capitais (cito de memória) como Londres, Berlim ou Madrid. As distintas e sempre mesmas ditaduras militares no continente americano produziram díásporas que Paris não mais conseguiu albergar, a ponto de me

parecer pertinente pesquisar a influência do Milicus Latinoamericanensis no diálogo entre Velho e Novo Mundo. A "parisite", febre que corroeu a alma de tantas gerações, adquire hoje nova sintomatologia. Os novos Colombos, ao fazer a viagem inversa, não mais assestam a proa exclusivamente rumo à torre Eiffel. Seja no entanto qual for o ponto de chegada, tal viagem marca dolorosa e definitivamente o navegador, isso quando não termina em naufrágio.

Navegar é preciso, viver não é preciso, diziam os nautas lusitanos. O leitor apressado pode cair na trampa da interpretação mais imediata, a de que navegar é necessário, mas não é este o sentido do dito. Assim falando, pretendiam os marujos alertar para o fato de que navegar é ofício que pode ser exercido com precisão, o mesmo não se podendo afirmar da vida. Ernesto Sábato afirma continuamente em suas obras que jamais viajamos em busca de países ou paisagens, mas sempre em busca de nós mesmos. Destes viajantes, que na viagem se descobrem escritores, tradutores e/ou comparatistas, tem dependido o diálogo Europa/América Latina.

Guimarães Rosa foi um destes viajores, e suas navegações foram profícuas. Em Diálogo com a América Latina, diz a Günter Lorenz:

- Olhe, o futuro da Europa e de toda a humanidade é como uma equação com várias incógnitas. A Europa é pequena, mas seus habitantes são ativos e, além disso, têm a seu favor uma grande tradição. E entretanto os europeus não têm qualquer influência sobre essas incógnitas que determinam o futuro de seu continente. O "x" e o "y" desta equação decidirão o amanhã, tanto é assim que quase já pode se dizer hoje. A América Latina talvez não seja a incógnita principal, o "x", mas provavelmente será o "y", uma incógnita secundária muito importante. Pela matemática, sabe-se que uma equação não se resolve se uma segunda incógnita não for eliminada. Suponhamos agora que a América Latina seja a tal incógnita "y".

Homem a cavalo sobre dois continentes, Guimarães Rosa não padece do deslumbramento de marinheiros de primeira viagem e confia robustamente no futuro de nossas letras:

- A Europa é um pedaço de nós; somos sua neta adulta e pensamos com preocupação no destino, na enfermidade de nossa avó. Se a Europa morresse, com ela morreria um pedaço de nós. Seria triste, se em vez de vivermos juntos, tivéssemos de dizer uma oração fúnebre. Estou firmemente convencido, e por isso estou aqui falando com você, de que no ano 2000 a literatura mundial estará orientada para a América Latina; o papel que um dia desempenharam Berlim, Paris, Madrid ou Roma, também Petersburgo ou Viena, será desempenhado pelo Rio, Bahia, Buenos Aires e México. O século do colonialismo terminou definitivamente. A América Latina inicia agora o seu futuro. Acredito que será um futuro muito interessante, e espero que seja um futuro humano.

Na era das comunicações, a aldeia global se descentraliza, e viver *au bord'elle*, daqui para frente, já não mais é paragem obrigatória de toda viagem iniciática. No que a mim diz respeito, embora meu El Dorado estivesse um pouco mais ao Norte, os anos de Paris serviram para conhecer a mim mesmo e a meu continente. Chesterton dizia ser impossível conhecer uma catedral permanecendo dentro dela, e confesso que, se não consegui com a cidade aquela intimidade inatingível da qual fala Edwards Bello, muito conheci da América Latina, como muito conhecerá de Paris o francês que passe algum tempo em nosso continente. Não por acaso, poucas relações tive com o parisiense sedentário que só se desloca da Rive Gauche para alguma praia do Mediterrâneo, meus interlocutores eram em geral jornalistas, cooperantes ou diplomatas, seres que por contingências do ofício muito bem sabem que Paris não é o centro do mundo.

Em Paris, morreu para mim o mito Paris, e penso que esta é a mais vital descoberta para um latino-americano. Descoberto isto, podemos pensar em criar, sem ligar para modelos nem sentir-se Terceiro Mundo. Antes porém, navegar foi necessário.